

Engenharia

www.construir.pt

Congresso

Engenharia reforça lusofonia em Macau

O 2.º Congresso de Engenheiros de Língua Portuguesa apresentou uma forte componente empresarial e serviu de veículo para a China reiterar a aposta em Macau como uma plataforma de agregação de empresas para os investimentos que tenciona fazer no continente africano, em particular, nos países lusófonos. Para o bastonário da Ordem dos Engenheiros, esta oportunidade é de aproveitar

Pedro Cristino

pcristino@construir.pt

Decorreu no passado mês de Novembro o segundo Congresso de Engenheiros de Língua Portuguesa (CELP), em Macau. Dedicado ao tema "A Engenharia como Factor Decisivo no Processo de Cooperação", este evento resultou de uma organização conjunta da Associação dos Engenheiros de Macau (AEM) e do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) e contou com o apoio activo da Ordem dos Engenheiros (OE) portuguesa. Na génese das actividades estava o enquadramento de Macau como a "plataforma privilegiada para a cooperação entre a China e os países de língua portuguesa", que reforçou o "potencial de interesse das organizações com actividade nas áreas em debate". Neste segundo congresso, a temática da cooperação não se centrou apenas nos países de língua oficial portuguesa e englobou os contributos das províncias que, "com Hong Kong e Macau, formam a região conhecida como "O Grande Delta do Rio das Pérolas". Para a OE, estes contributos vão permitir "um largo campo de oportunidades, permuta de saberes e implementação de negócios, tendo em vista a presente política de cooperação coordenada pelo Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa".

Congresso "muito superior às expectativas"

Em jeito de balanço, Carlos Matias Ramos afirmou ao Construir que, no final, o 2.º Congresso de Engenheiros de Língua Portuguesa "foi muito superior às expectativas e o melhor indicador que pode haver para traduzir esta minha apreciação é o número de participantes". "Estavam inscritos 1.200 participantes e, para além daquilo que foi o grande objectivo do primeiro con-



Hugo Gamba

gresso, em Lisboa, em Macau eles foram mais longe e envolveram empresas, no sentido de fazerem reuniões e estimular negócios em paralelo com o desenvolvimento do congresso", explicou o bastonário da Ordem dos Engenheiros. Segundo o engenheiro, houve participação de 75 empresas neste processo, das quais 17 eram portuguesas, 16 chinesas, 10 de Macau e duas de Hong Kong. "Não sei qual o volume de negócios que está envolvido, mas relativamente à criação de condições para a formação de parcerias, tendo em conta o desenvolvimento da aplicação das engenharias dos diferentes países, penso que alguma coisa terá acontecido", afirmou o responsável da OE. De acordo com Matias Ramos, a segunda edição deste congresso "extravasou aquilo que era um aspecto puramente técnico, de cooperação e de estímulo à cooperação e ao ensino – os objectivos do primeiro congresso – uma vez que a AEM conseguiu que o evento se desenvolvesse para o lado do negócio".

China ligada à lusofonia

Segundo o responsável da Ordem dos Engenheiros, foi repetidamente mencionado, por representantes do Governo, "não só da

Região Administrativa de Macau, mas também da República Popular da China, que a língua portuguesa seria um ponto de base para a ligação aos países da lusofonia". Neste contexto, ressaltou que "o grande interesse da China é África e, assim, Macau constitui-se como uma plataforma para integrar e mobilizar as empresas da lusofonia, com vista aos investimentos que os chineses pretendem fazer em todo o mundo e, em particular, nos países de língua portuguesa".

Governantes portugueses ausentes

Apesar do balanço positivo, Carlos Matias Ramos sublinhou que o CELP, nesta sua segunda edição, teria resultado melhor se "tivesse havido um empenho maior" do lado português. O bastonário da OE destacou a "falta de atenção por parte das empresas portuguesas mais pujantes e por parte dos representantes do Governo português [que não marcaram presença] para que o país estivesse mais fortemente representado, o que seria de grande interesse". "Foi uma pena, mas o sucesso foi muito grande em termos do número de participantes e do objectivo da cooperação multilateral e tecnológica",

contrapôs. "Da parte portuguesa, estiveram bastantes participantes, mas não foi tanto como desejaríamos, tendo em conta a ausência de representantes do Governo português", rematou. Ainda referentemente ao papel português neste evento, Matias Ramos destacou que a tecnologia portuguesa "poderá e deverá posicionar-se por forma a garantir que, no caso de investimentos de um país estrangeiro, neste caso, a China, que foi o país dominante no congresso, está bem colocada para participar em parcerias".

Língua como factor económico

Matias Ramos reiterou o destaque dado às afirmações dos representantes dos governos chinês e da RAEM, "em que esteve sempre presente a relevância da língua, do conhecimento tecnológico que existe nos países da lusofonia, e a necessidade de uma cooperação conducente às tais parcerias". "Em todas as intervenções, referiu-se que Macau será a plataforma para a actividade empresarial baseada em financiamentos do Governo chinês com um destino que consiste, fundamentalmente, nos países de África", explicou o engenheiro. Para o bastonário da OE, Macau tem vários caminhos para se constituir como a referida plataforma e um deles é o do ensino. "Há uma aposta muito forte na Universidade de Macau, com a criação de um campus que faz inveja aos das nossas universidades", declarou Carlos Matias Ramos, ressaltando também a aposta desta instituição no ensino da língua portuguesa, que "atrairá muitos jovens chineses para a aprendizagem da nossa língua, que é um factor económico". "Como tal, de certeza que nos ajudará em termos da aplicação do nosso conhecimento no desenvolvimento económico dos países", concluiu. ■